VIEIRA DO MINHO
(Cova)

Cova foi uma freguesia do concelho de Vieira do Minho, distrito de Braga. Após a reorganização administrativa de 2013, foi agregada a outras localidades passando a designar-se União das Freguesias de Ventosa e Cova. A igreja de São João de Cova dista cerca de 11,5 km da sede de concelho. Sair de Vieira do Minho pela rua Dr. Hernâni Magalhães e tomar a estrada N304 seguindo durante cerca de 4 km, depois virar à direita e cerca de 650 m à frente novamente à direita para a estrada N103. Virar logo à esquerda tomando novamente a estrada N304 e seguir durante cerca de 5 km. Virar à direita para a estrada M529 e depois convergir com estrada CM1392. Cerca de 1 km à frente virar à esquerda e a igreja encontra-se logo à frente.

Cova localiza-se na margem esquerda do rio Cávado, na parte norte do concelho de Vieira do Minho, próximo da albufeira da Caniçada e da serra do Gerês.

Igreja de São João Batista

A paróquia de São João de Cova é já referenciada no Censual do Bispo D. Pedro, de finais do século XI. Nas Inquirições de 1220, São João de Cova é paróquia da Terra de Penafiel de Soaz e o padroado da igreja não era do rei. Nas Inquirições seguintes, de 1258, pertencia já ao Julgado de Penafiel. Pedro Eanes, abade da igreja, reiterava que o rei não era o patrono, mas detinha aí um reguengo. Em 1320, segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, a igreja de São João de Cova, na Terra de Vieira, é taxada em 80 libras, valor



Vista geral da igreja. Alçado sul. Acesso ao recinto murado

médio no contexto da dita Terra. Destacava-se a igreja de Rossas, taxada em 300 libras, o valor mais elevado no contexto das igrejas da dita Terra de Vieira, e apenas suplantado pelo mosteiro de Fonte Arcada, que contribuía com 550 libras.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a igreja de Cova, dedicada a São João Batista, tinha três altares e o pároco era abade de apresentação ordinária.

A igreja de São João de Cova, construída com silhares de granito de tom rosado, conserva parte significativa da sua fábrica românica, datável do século XIII, apresentando-se como um dos templos onde a ambiência e paisagem natural ao seu redor ainda nos fazem recuar no tempo. Do conjunto material, destacam-se, pelo trabalho escultórico e criatividade artística, os cachorros decorados e o portal lateral sul.

A igreja desenvolve-se em planta longitudinal com nave única, capela-mor retangular e ligeiramente mais baixa, e um volume adossado na fachada sul, construído posteriormente, utilizado como sacristia. Há ainda uma escada de acesso ao coro-alto, localizada na parede sul da nave, mas que, à semelhança da torre sineira, apresenta um aspeto mais recente. Esta torre encontra-se separada do edifício religioso, localizando-se ao seu lado, a sul, dentro do recinto murado do adro, junto à entrada. As coberturas são de duas águas nos dois volumes primitivos e de uma na sacristia. O material utilizado na construção deste espaço é, como já referido, um tipo particular de granito, e desenvolve-se em aparelho pseudo-isódomo.

Portal lateral sul



Na capela-mor destacam-se os cachorros esculpidos com motivos animalistas, a sul, e os esculpidos com motivos geométricos e de laçaria, a norte. Em ambos os lados é percetível a reconstrução ou adição de cachorros revivalistas pontuais, marcados pela diferença de tom e de grão do granito utilizado e que já não apresentam o tom rosa que os primitivos contêm.

Percorrendo o lado sul da igreja, é importante referir o portal lateral que aqui surge, deixando escrito na pedra as várias transformações e reconstruções que sofreu. Sobre o atual vão de entrada, em verga reta, vemos em cicatriz a arquivolta do antigo portal, em arco de volta perfeita, e é no tímpano que encontramos o seu motivo decorativo mais interessante. Trata-se de uma cruz pátea vazada com rebordo de laçaria. Crê-se que esta poderá ter sido uma peça reutilizada ou que se quis manter no portal por forma a legitimar a antiguidade da fábrica da igreja ou porque se lhe reconheceu o seu valor plástico. As dimensões do tímpano não correspondem à dimensão do arco de volta perfeita que é bastante maior. Comparando a dimensão deste tímpano com o tamanho do arco do portal oeste, poder-se-á propor também que este tímpano pertenceu ao portal principal que foi reconstruído, como adiante se verá. Este tipo de solução e de reutilização de peças decoradas não seria inédito, como se poderá verificar no caso da igreja de São João da Ribeira, em Ponte de Lima, a título de exemplo. Embora neste último o processo seja inverso, já que se reaproveita um tímpano de um portal lateral e se o coloca na fachada oeste, esta é uma situação exemplificativa da adaptabilidade e transformação de formas que edifícios de longa ocupação e uso evidenciam.

Os cachorros que acompanham a cornija deste lado sul, à semelhança do que acontece na capela-mor, apresentam também decoração esculpida que se divide entre os motivos animalistas e os geométricos. Destacam-se os dois últimos no extremo oeste da nave, ligeiramente de maiores dimensões, onde se esculpem dois animais, um caprino e um bovídeo, tipologias de animais que vemos também, por exemplo, na igreja matriz de Valença do Minho. De referir ainda que, ao longo de toda a parede sul da nave, corre um lacrimal, um pouco acima da meia altura, indicando



Pormenor dos cachorros do lado sul da capela-mor

uma estrutura de suporte para cobertura existente algures no tempo.

Do lado norte, repetem-se os motivos esculpidos dos cachorros que encontramos nos outros volumes já referidos, apresentando maioritariamente motivos geométricos simples e semelhantes entre si, mas destacando-se, mais uma vez e à semelhança do lado sul, o cachorro no extremo oeste da nave, onde se esculpe um animal. Há ainda a presença de quatro sulcos na pedra da nave, indicador da existência passada de uma outra estrutura que se acoplava ao edifício principal, como um alpendre.

Na fachada oeste, o portal de verga reta atual vem substituir o portal de arco apontado do qual subsiste a cicatriz de uma arquivolta inscrita na pedra, denotando-se ainda uma cruz pátea do lado direito do janelão moderno.

No interior desta igreja, a memória da fábrica românica está presente através da própria espacialidade e de um pequeno apontamento na parede sul de uma cruz de sagração, configurada por uma cruz pátea rodeada pelo lambril de azulejo, junto ao portal lateral, do lado esquerdo do observador. De referir ainda a existência de um nicho em arco apontado (arcossólio?) na parede norte onde está uma das duas pias batismais, junto ao portal oeste, do lado direito do observador, e ainda as duas frestas da capela-mor fechadas e que agora servem como nichos escultóricos.

A igreja paroquial de São João Batista de Cova permanece no tempo e no espaço como um dos exemplares do românico tardio da bacia do Cávado, conservando ainda

Pormenor dos cachorros da capela-mor, lado norte



apontamentos relevantes para a compreensão da arquitetura e escultura deste período. O espaço religioso está em bom estado de conservação, é propriedade da Igreja Católica e está aberto ao culto.

Texto: JL/SVS - Fotos: SVS

Bibliografia

Boissellier, S., 2012, p. 147; Costa, A.J., 1997-2000, II, pp. 117-118; Fontes, L. e Roriz, A., 2007, pp. 15 e 61-66; Mem. Paroq. 1758 (2003), pp. 447-448; Pmh, Inq., pp. 58, 148, 198 e 248 (de 1220) e p. 1504 (de 1258).